

YEMÒÓ, A GRANDE MÃE

Jacob K. Olúpòna

Introdução por Luiz L. Marins

Abril de 2022

Este extrato foi retirado do artigo: *Ìtápá: Identidade Ritual e Poder no Festival de Qbátálá e Yemòó*, também de autoria de Jacob K. Olúpòna, tradução de Luiz L. Marins, publicado na Revista Olorun n. 77, abril de 2020.

Este artigo, na realidade, é o capítulo n. 5 do livro: *City of 201 gods: Ilè-Ifè in Time, Space, and the Imagination*, 2011, publicado pela Universidade da Califórnia.

Devido à falta de material sobre *Iyemòó*, julgamos oportuno produzir este recortes do artigo citado, à guisa de um novo artigo, visando evidenciar a divindade *Iyemòó*, a mãe de todos, e mulher de *Qbátálá*.

Assim sendo, tenha em mente o leitor que o contexto do festival de *Qbátálá* e *Iyemòó* ficará prejudicado, pois desejamos aqui, como dissemos, evidenciar o conceito de *Iyemòó* como a grande mãe.

Caso o leitor deseje, poderá obter o artigo completo do festival no link que está oferecido nas referencias, no final. As partes retiradas serão marcadas com três pontos entre colchetes. As notas de rodapé foram renumeradas para este coincidir com este extrato.

[...]

1. *Erúwá dájì*
2. *Mo wá okò*
3. *Mó wá aya*
4. *Mo wá, Yemòó, Ibànìba*
5. *Qwó párá, esè párá*
6. *Àsìngbó, Àsìntó*
7. *Àyúnwá isìn,*
8. *Àsùnpa isìn*
9. *Kí n máa yún, kí n máa wá*
10. *Késè mi má sè e*
11. *Kí n s'òdún ìí,*
12. *Kí n sèmiì*
13. *K'áyé rójú,*
14. *K'óde Ìlú tòrò*
15. *Kí Síjúadé pé l'oba*
16. *K'ó sé'gun òtá,*
17. *Kó rèhin odi*
18. *K'ágàn robí*
19. *Kí àgàn towó àlà bosùn fi pa omò lára*

1. Eu saúdo você, oh grande deus
2. Eu procuro pelo marido [Obátálá]
3. Eu procuro pela mulher [Yemòó]
4. Eu procuro por Yemòó, aquela que nós cultuamos
5. Com minhas mãos e com minhas pernas,
6. Eu culto e saúdo você
7. Eu cultuarei você na velhice
8. Eu cultuarei você até morrer de velho
9. Que eu possa ir para minha casa em paz
10. Que minhas pernas nunca parem de louvar você
11. Nós te louvamos este ano
12. E te louvaremos no próximo
13. Que o mundo tenha paz
14. E que nossa cidade seja próspera
15. Que Síjádé (Qòni) possa reinar longamente
16. Que ele possa vencer os inimigos
17. E superar os obstáculos
18. Possam as mulheres inférteis
19. Conceber e dar nascimento a filhos saudáveis.

[...]

O CASAL DIVINO: QBÀTÁLÁ E YEMÒÓ

O casal divino Qbàtálá e Yemòó normalmente aparecem juntos nos rituais e na iconografia, especialmente em Ilé-Ifè. Eles são vistos como complementares, e juntos representam a totalidade. Na religião de Ilé-Ifè, muitos deuses masculinos são retratados como sendo casados, em algum momento, com uma deusa. Um motivo para isto é que o divino casal poder pertencer a uma categoria de deuses chamados “fertilizantes da terra” (Hilda Davidson), em oposição aos deuses guerreiros como Ògún.¹ Os mitos sagrados de Ilé-Ifè asseguram que Qbàtálá e Yemòó representam o divino casal primordial. Um odù (verso divinatório) informa que no tempo da criação em Ilé-Ifè, as divindades masculinas e femininas viviam separadas. O poder de Yemòó a elevou à posição de líder das deusas femininas. Foi com a ajuda de Òrúnmìlà que Qbàtálá e Yemòó se casaram, e o casamento concedeu uma nova posição e papel de liderança a Yemòó de todas as divindades femininas e de todas as mulheres (Olórí ‘binrin). **Assim, Yemòó veio a ser a mãe de todas as pessoas na Terra (Ìyá Ayé Gbogbo)**. Os mitos sagrados de Ilé-Ifè apresentam o casamento como, ambas, uma instituição divina e humana.² (negrito do tradutor)

Qbàtálá e Yemòó pode lembrar nos, equivocadamente, do arquétipo casal Adão e Eva, mas o importante é enfatizar que existe um casal divino. A posição de Yemòó é de mãe e mulher, como um modelo ideal de mulher ioruba. Mas, diferente de outras tradições nas quais um casal divino são criadores do universo, no mito de Ilé-Ifè eles vieram a formar um casal após a criação, casando-se aqui, na Terra.³ A seguinte canção (orin) ilustra o papel de Yemòó:

1. *Owó ni o n’wá?*
2. *Ni o ò sin*
3. *Aya bàbá Àgbà?*
4. *QmQ ni o n’wá?*
5. *Ni o ò sin*
6. *Aya bàbá Àgbà?*
7. *Ilé ni o n’wá?*
8. *Ni o ò sin*
9. *Aya bàbá Àgbà?*⁴

¹ Davidson, “Hooded Men”, p. 105.

² Adeoye, “*Ìgbàgbó àti ésin Yorùbá*”, p. 120

³ Shelton, “*Preliminary notes*”, p. 157.

⁴ Adeoye, “*Ìgbàgbó àti ésin Yorùbá*”, p. 122

1. Dinheiro, você tem?
2. Porque não cultivar
3. A mulher de Bàbá Àgbà?
4. Filhos, você tem?
5. Porque não cultivar
6. A mulher do Bàbá Àgbà?
7. Casa, você tem?
8. Porque não cultivar
9. A mulher do Bàbá Àgbà?

Estas linhas poéticas lembram os devotos que se eles estão tendo bênçãos de dinheiro, filhos, casa, *Yemòó*, a mulher do grande deus antigo respondeu suas preces. Como uma deusa, ela não é de nenhuma maneira inferior aos deuses masculinos. Um devoto do templo de *Obàtálá*, em *Ìdita Ilé*, informou: “*ajé* (dinheiro), *omò* (filhos) e *àse* são os caminhos do *Òrìṣà*. O casal divino providencia todas as bênçãos (*ire*) que um devoto precisa.” Os mitos sobre eles relatam riquezas, prosperidade, filhos e casamento.

O casamento de *Obàtálá* e *Yemòó* representa o ideal do casamento perfeito na sociedade ioruba. Os mitos revelam porque *Yemòó* tem um papel central no festival de *Obàtálá*, pois:

“Quando *Obàtálá* casou-se com *Yemòó*, ela parou de beber água (*omi*) e começou a beber sangue (*èjè*) animal, diariamente.⁵ Isto fez dela uma mulher poderosa, mas, por ter consumido sangue animal, não podia conceber, por isso eles consultaram o adivinho, que consultou o oráculo e prescreveu os sacrifícios necessários para ela, e disse para ela, que ela deveria confiar totalmente em seu marido, e que se ela continuasse a questioná-lo onde ele ia quando saía, ela poderia perder a vida dela. Para satisfazer a sede de sangue de sua mulher, o adivinho fez para ele uma colher mágica, de madeira.

Quando *Obàtálá* estava caçando, ele apontava a colher de madeira para o animal, e ela sugava todo o sangue dele, e isto garantia a ele grande suprimento de sangue fresco para sua mulher, todos os dias. Curiosa por descobrir como *Obàtálá* conseguia sangue fresco todos os dias, *Yemòó* fez um buraco na sacola de caça de *Obàtálá* e colocou um pó. Quando *Obàtálá* saiu para caçar, o pó fez um rastro. *Yemòó* seguiu.

⁵ Note que embora *Yemòó* e *Ògún* sejam deuses que se alimentam de sangue, segundo as narrativas mitológicas, *Ògún* se alimenta de sangue humano, enquanto *Yemòó*, de sangue animal.

Quando *Obàtálá* chegou na floresta que costumava caçar, ele esperou durante horas, mas não apareceu nenhum animal que sempre aparecia. Ele sentou e esperou. Então, subitamente, ele ouviu um barulho no mato, e ele apontou a colher de madeira naquela direção, sem saber que era *Yemòó* que estava escondida ali. *Yemòó* desmaiou imediatamente, com o sangue escorrendo por sua vagina. *Obàtálá* correu rapidamente para o local e para sua surpresa, viu que era *Yemòó*.

Ele imediatamente a carregou para a casa do adivinho, que lembrou *Obàtálá* do aviso que havia dado para *Yemòó* tempos atrás. O adivinho prescreveu o sacrifício de cinco galinhas para ser oferecido diariamente. Assim, o sangue parou de escorrer pela vagina de *Yemòó*, e ela começou a menstruar regularmente. Depois, ela concebeu e deu muitos filhos para *Obàtálá*. ”⁶

O mito de *Yemòó* mostra como é importante na cultura ioruba para as mulheres se tornarem esposas e mães. A inicial infertilidade a faz uma mulher infeliz por causa do destino das mulheres inférteis nesta cultura. Ela é curada quando foi atingida pela colher mágica de *Obàtálá*: ela começou a menstruar, conceber e ter filhos. Neste mito, então, “a necessidade do bem-estar do relacionamento conjugal recai mais pesadamente sobre a mulher”⁷ As mulheres que engravidam após anos de infertilidade tem similaridades com as mulheres de *Ilé-Ifè*, que se reúnem em grupos no templo buscando solução para seus problemas ginecológicos. Neste mito, a infertilidade de *Yemòó* é atribuída a sua constante desconfiança de seu marido. Mesmo assim, atualmente ela veio a ser a fonte da fertilidade, servindo de exemplo para as mulheres que desejam as bênçãos do *Òrìṣà*: filhos!⁸

Curiosamente, *Yemòó* beber sangue é, no pensamento Ioruba, o símbolo de um poder secreto. *Yemòó* não gosta de água fria, que é associada a *Obàtálá*, o deus da pureza. Ela prefere beber sangue animal, associado com os perigosos poderes das feiticeiras, que controlam a força da vida que o sangue simboliza.

Entretanto, nós podemos ler esta narrativa como uma história patriarcal. Espera-se que as mulheres sejam submissas e relacionadas com as atividades da privacidade doméstica. A caça e outras atividades exploratórias levam os homens para fora do alcance das mulheres. O mito invoca o estereótipo negativo das esposas como mulheres desconfiadas que colocarão sua própria segurança em risco para descobrir as atividades de seu marido. Entretanto, é também uma mudança da hegemonia patriarcal. *Yemòó* não foi uma mulher comum. Sua iconografia a apresenta como uma mulher obesa, com o

⁶ Elebuiḡon. *The Adventures of Obàtálá*, API Production, 1989, p. 19. *Ìrosùn mèjí*.

⁷ McGee. “*In Quest of Saubhagya*”, p. 160. Atitudes em relação às mulheres na sociedade Hindu como mostrado por McGee são em muitos aspectos similares para a sociedade Ioruba.

⁸ Erndl. “*Victory of the Mother*”, p. 6

dobro do tamanho do seu marido, mesmo que neste mito seu tamanho só pode ser mantido devido sua prática vampiresca de beber sangue. Quando ela seguiu o rastro de seu marido dentro da floresta, os animais que normalmente apareciam quando seu marido caçava, misteriosamente, agora não eram encontrados. *Yemòó* foi advertida para manter um relacionamento normal com seu marido, mas as advertências do adivinho indicavam que ele via nela um poder e energia espiritual inatos.

Cruzando a fronteira entre a casa e a floresta, *Yemòó* provoca o fluxo de sangue, um elemento crítico neste mito. Como Victor Turner claramente ilustra, sangue representa a força da vida, mas ele possui múltiplos significados, ambos negativos e positivos.⁹ Assim como o sangue alimenta *Yemòó*, ele propicia os deuses e deusas durante o sacrifício animal da celebração de *Obàtálá*. Ele sinaliza ambos, a morte para as vítimas animais e o fluxo do sangue menstrual, o qual, embora considerado impuro e perigoso, é também o doador da vida. Para *Yemòó*, ele é “a base de seu grande poder para procriar e trazer um recém-nascido para a linhagem”. As bênçãos da procriação e fecundidade são ligadas a ela, **a mãe de todos os seres humanos** (negrito do tradutor). Como a deusa hindu Sakti, *Yemòó* tem uma “energia feminina inata, poderosa, criativa e imprevisível”.¹⁰ Somente com a colher mágica de madeira é que *Yemòó* pode ser subjugada. Um provérbio ioruba diz:

“*Ològùn ló se oko àjé*”

(Somente um curandeiro pode ser marido de uma feiticeira).

Oko ou “marido”, aqui significa “aquele que controla e domestica o outro” – não necessariamente uma mulher, mas alguém subordinado, controlado, domesticado.

Yemòó, então, como a deusa hindu Devi, é sanguinária, doadora de riquezas, e a mãe que procria e dá a vida.¹¹ Ela é uma deusa feminina que “é associada com a força destrutiva potencial que precisa ser contida” pelos meios mágicos e medicinais do seu marido. Seu apetite sanguinário e seus aspectos sinistros são apaziguados através da procriação.¹²

⁹ V. Turner. *Ritual Process*.

¹⁰ McGee. “*In Quest of Saubhagya*”, p. 155

¹¹ Babb. “*Divine Hierachy*”, p. 221. De acordo com Babb, Devi poderia se manifestar como Kali (a destruidora), Lakshmi (o doador da felicidade e riqueza), ou Mate (a mãe ou doadora da vida).

¹² Idem. P. 229

[...]

ÌPIWÒ: OS RITUAIS DE SACRIFÍCIO

O sacrifício é crucial para os festivais e rituais de *Ifè*. Em um festival maior como o de *Qbàtálá*, o sacrifício é o ritual central para honrar o deus sendo diferente do festival de *Olójò*, pois todos os rituais seguem uma sequência. O sacrifício de *Qbàtálá* conecta as cerimônias do dia anterior com as cerimônias do dia seguinte, durante o qual os sacerdotes reafirmam a identidade da realeza do grupo de *Ìdita* na cidade sagrada. No contexto ritual, o sacrifício para *Qbàtálá* e *Yemòó* reforça a propriedade do *àṣe*, o poder sagrado, de *Ìdita*. Como outros aspectos dos rituais de *Qbàtálá*, o sacrifício ritual de *Ìpiwò* (também chamado *Ìmúwò*), é complexo. Ele começa com a preparação dos elementos rituais não em *Ìdita Ilé*, o templo, mas em *Ìdita Oko*, na floresta, distante sete quilômetros.

De acordo com a lenda, quando *Odùduwà* e seus aliados expulsaram *Qbàtálá* de *Ilè-Ifè*. *Qbàtálá* escondeu-se em *Ìdita Oko* e viveu ali por décadas até retornar. O ritual assim relembra a permanência de *Qbàtálá* e *Yemòó* na floresta através de um sacrifício no lugar considerado como o mais importante assentamento do poder do *Òrìṣà*. O sacrifício ritual de *Ìpiwò* lembra o povo de *Ìdita* de um espaço especial providenciado como um local seguro, pelos seus ancestrais. O ritual é reencenado para reviver o passado místico da linhagem de *Ìdita*. O local do sacrifício representa um centro ritual que serviu como um centro sagrado enquanto *Qbàtálá* e *Yemòó* estavam no exílio¹³. Como ele era visto como um local provisório, seus elementos rituais são simplificados, faltando alguns ritos elaborados como é visto em *Ìdita Ilé*.

Treinando para a viagem à floresta e preparando-se para o grande trabalho, dois jovens rapazes praticam o carregamento dos ícones sagrados de *Yemòó* e *Qbàtálá*. Antes que um novato possa carregar o ícone, ele é iniciado. O sacerdote de *Qbàtálá* realiza a divinação com noz de cola para orientar a ida do jovem que sairá antecipadamente para preparar a viagem ao templo de *Qbàtálá* na floresta. Inimigos que poderiam atrapalhar sua jornada são derrotados com o poder dos deuses de *Ìfè* (*Qbalùfòn* ou *Olúorogbo*), ou da deusa da terra, *Ilè*. O sacerdote de *Qbàtálá* pega a noz de cola, a quebra em seus lóbulos e diz para *Qbàtáláe* e *Yemòó*:

Bàbá, obì nàa rèé!

Yèyè, obì nàa rèé!

Pai, aqui está sua noz de cola!

Mãe, aqui está sua noz de cola!

¹³ Niditch, *Ancient Israelite Religion*, 105.

Os dois carregadores de *Qbàtálá* e *Yemòó* são então completamente vestidos com roupas brancas. Um dos jovens vai à frente carregando o ícone de *Yemòó*, enquanto o segundo jovem o segue carregando o ícone de seu marido *Qbàtálá*.

[...]

Um caminho levava para a parte interna e sagrada do templo. Aqui, como em *Ìdita Ilé*, em sinal de respeito a *Qbàtálá* e *Yemòó*, mulheres eram proibidas de usarem brincos, colares e chapéus. Os seguidores eram nomeados não por seus nomes, mas apenas por “Filhos de *Ìdita*” (omo *Ìdita*), uma forma de experiência comunitária dentro do templo sagrado.

O Ritual do Primeiro Sacrifício

Os tamboreiros tomaram suas posições ao lado esquerdo dos sacerdotes no espaço interno, enquanto um jovem distribuiu os instrumentos de ferro (*ewó*) aos sacerdotes e devotos selecionados para fazerem parte da percussão. Após todos os sacerdotes se sentarem, eles olham para os ícones de *Qbàtálá* e *Yemòó* fazendo um breve período de profundo silêncio... subitamente, um barulho se ouviu no lado de fora do santuário pois uma cabra gorda foi introduzida nele, uma das duas cabras oferecidas pelo *Oòni*, trazida pelos seus emissários, chamados de *èsin Oòni* (o que o *Oòni* mandou trazer para propiciar *Qbàtálá*).

Enquanto isso, os tambores, os cânticos e os instrumentos de ferro foram tocados com vigor. Os dois carregadores dos ícones carregaram os deuses cautelosamente, fazendo uma dança circular em volta do grande pote que ali estava. Cautelosamente, eles colocaram os ícones no chão ao lado do pote.¹⁴ Um dos devotos pegou a cabra pela corda amarrada em volta do pescoço, andou em volta dos ícones, deitando-a no chão. Imediatamente, um dos chefes pegou uma faca afiada e cortou a garganta da cabra. O sangue coletado em uma vasilha foi derramado sobre o ícone, para ungi-lo. Enquanto esta parte do sacrifício era feito, os devotos faziam fervorosas preces para que o sacrifício garantisse seus pedidos, cantando fervorosamente para o casal divino:

¹⁴ Ulli Beier registrou que um pesquisador havia observado uma cerimônia similar em 1955, na qual, sem querer, uma das imagens caiu quando uma dança especial estava sendo realizada, o que gerou uma grande angústia. Os oráculos foram consultados e muitos sacrifícios foram prescritos para apaziguar os deuses da desonra. Beier, “Year of Sacred Festival.”

T'Olúwa mi l'àse, t'Òrìsà l'àse!

T'Obaláse, t'Òrìsà l'àse!

Meu Senhor dono do axé, Orixá tem axé!

Meu rei dono do axé, Orixá tem axé!

[...]

Aproximadamente às 14:00 horas daquele dia, eu vi os devotos de *Qbátálá* fazerem uma procissão no templo *Ìta Yemòó*, o local onde o templo de *Yemòó*, a mulher de *Qbátálá*, estava localizado. Chefiando a procissão, crianças carregavam em suas cabeças garrafas contendo *èrò*, uma profilática medicina feita de folhas sagradas colhidas a alguns dias atrás no mato sagrado. A garrafa do rei, com *èrò*, foi vestida com um pano branco. Uma menina de mais ou menos 9 anos carregou um banquinho chamado de “cadeira de *Yemòó*” que seria usada durante a cerimônia. Os anciões na procissão, seguiam a menina. Os sacerdotes usavam a mesma roupa que usaram no ritual do *Ìpìwó*: seus corpos pintados com pontos brancos, todos segurando *ìrùkèrè*, e usando *peke* (emblemas que mostram seus títulos). Muitas mulheres, incluindo *iyálórìsà*, *iyálájé*, e outras especialistas nos rituais, participaram da procissão como devotos e também como detentoras de títulos.

A procissão então foi para o palácio do *Qòni*, e uma pequeno grupo de homens e mulheres de várias idades escoltavam a *iyálórìsà* mais velha que representava *Yemòó*, a mulher de *Qbátálá*.

[...]

No final da tarde todos fizeram silêncio no templo de *Qbátálá* as portas foram mantidas fechadas. Logo chegou o *Qòni* e seus servos carregando sacolas de presentes em suas cabeças, e uma cabra gorda. Assim que eles entraram no templo de *Qbátálá*, ajoelharam-se diante do *Qbalésun*, ofereceram os votos de felicitações, e os presentes para *Qbátálá* e *Yemòó*. Os presentes são chamados de *erù Ifè* (carrego de Ifé). Este presente é feito todos os anos. Um dos sacerdotes disse-me que é por isso que o povo *Ìdita* às vezes são chamados de “*omò aṣorò kí Qòni ró gégé*” (filho do poderoso sacerdote que faz o ritual enquanto o *Qòni* assiste).

A cerimônia maior de *Ìtápá* foi seguida de rituais menores de sacrifício a outros deuses ligados a *Qbátálá* e *Yemòó* para apaziguá-los e solicitar-lhes ajuda. O festival terminou com uma grande festa (*àsè Qbalésùn*), após o que os devotos retomaram suas rotinas diárias de louvores, adorações e oferendas para os deuses *Qbátálá* e *Yemòó*.

Em todos os sentidos, a *iyálórìṣà* que representou *Yemòó* teve um papel central em todo o festival ao mostrar *Yemòó* como mulher e mãe e, por extensão, sua preocupação com a saúde e a paz da comunidade, pois ao deixar o festival e ir ao palácio do *Oòni*, intermediou a paz entre *Obàtálá* (representado pelo *Qbalésun*) e *Odùduwà* (representado pelo *Oòni*).

A ritualização mostrou uma tensão entre os devotes de *Obàtálá* e *Odùduwà*, seguida de uma subsequente pacificação do conflito através de *Yemòó*. Sem que *Obàtálá* soubesse, *Yemòó* levou ao *Oòni*, debaixo de suas roupas, a garrafa com o *èrò* que continha o *àṣe* de *Obàtálá*, mas ela presenteou ao *Oòni* como se fosse uma medicina sua, e assim garantiu-lhe a saúde para governar *Ilè-Ifè*, e promover a paz da cidade sagrada para todos, pois *Obàtálá* não poderia atacar seu próprio *àṣe*.

O grupo de *Obàtálá* presenteou os emissários do *Oòni* com nozes de cola embrulhadas nas folhas sagradas da floresta, e o *Oòni* presenteou os devotos de *Obàtálá* com as oferendas. O festival terminou com festa, confraternização, e em paz, que foi obtida pela intermediação de *Yemòó*.

REFERENCIAS:

OLÚPÒNA, Jacob K. “Ìtápá: Identidade Ritual e Poder no Festival de *Obàtálá* e *Yemòó*”, em *Revista Olorun*, n. 77, abril de 2020, tradução de Luiz L. Marins. Disponível em: <https://luizlmarins.files.wordpress.com/2020/04/itapa-identidade-ritual-e-poder-no-festival-de-obatala-e-yemoo.pdf> Acesso em 24/04/2022.

REVISTA OLORUN, n. 77, abril de 2020, disponível em www.olorun.com.br